



Entre Aspas

“ASPA – Associação para a Defesa,
Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural”
Apartado 78 4711 – 909 BRAGA (Portugal)
www.aspa.pt | Blogue: aspa35anos.blogspot.com
Facebook: ASPA PATRIMONIO | mail: aspa.patrimonio@gmail.com



O Museu da Cultura Castreja: repositório histórico da Citânia e de Sarmento

Edificado muito possivelmente na segunda metade do século XVIII, com importantes reformas no início do XIX, o Solar da Ponte, em São Salvador de Briteiros, Guimarães, é o reflexo da prosperidade de uma família terratenente local, que terá habitado a mesma quinta pelo menos desde o século XVII. Era a família paterna do eminente arqueólogo, e notável figura da História de Guimarães, Francisco Martins Sarmento (1833-1899). Tendo nascido, e passado a maior parte da sua vida, na cidade de Guimarães, Sarmento deslocava-se para Briteiros com alguma regularidade. Quando se encontrava no Solar da Ponte, era ali que o avistavam amigos de longa data, bem como um ou outro ilustre visitante que, por vezes a convite seu, arri-scava a íngreme, mas curta, subida ao local onde conjugava as suas deambulações literárias com o estudo das materialidades pretéritas: a velha Citânia, cujos terrenos adquirira em 1874. Também no Solar da Ponte presenciou Sarmento as costumeiras festas, no terreiro fronteiro, uma das quais registada em fotografia por Ricardo Severo, que por ali estava em visita. Camilo Castelo Branco passou também uns dias no Solar da Ponte, escondido da acusação de adultério, descrevendo não apenas os “cônjuges decrépitos” que tomavam conta da casa, mas também o carácter austero e conventual de um solar idêntico aos de muitas outras quintas que pontearam a região minhota. Os estudiosos estrangeiros que vieram a Portugal em 1880, participando no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, visitaram a Citânia, tendo registado as suas impressões de visita no Solar da Ponte.

Sarmento passou cerca de três meses por ano em Briteiros, pelo menos entre 1874 e 1883, período durante o qual dirigiu escavações na Citânia e em Sabroso, também próximo. Apenas regressou à casa da Ponte, que carinhosamente apelidava de “quartel-general”, em 1892, “*amuado com os meus velhos amores, e com medo de encarar com eles*”, na sua característica linguagem metafórica. Depois da morte do arqueólogo,



em 1899, consta que apenas um recatado grupo de freiras passava o estio na Casa da Ponte, talvez as últimas utilizadoras do também austero retábulo do solar, retirado em 1964, quando o velho telhado ameaçava já ruína. Antes disso, porém, o solar terá sido ainda utilizado como escola primária, obedecendo a um dos objetivos fundacionais da centenária Sociedade Martins Sarmento, que herdou a quinta do seu patrono.

Depois de vários anos defendendo a instalação de um espaço museológico no Solar da Ponte, projeto particularmente apadrinhado pelo também arqueólogo Mário Cardozo, só em 2003 foi possível à Sociedade Martins Sarmento a recuperação do edifício. A instalação do Museu da Cultura Castreja, realizada quando a Sociedade era presidida por Joaquim Santos Simões, de acordo com um programa definido por Francisco Sande Lemos, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, veio dar uma nova utilização a esta antiga casa rural. Readiquiriu em parte a sua função de “quartel-general” das escavações, retomadas em 2005, mas sobretudo, e enquanto extensão do Museu Martins Sarmento, passou a receber uma parte significativa dos que visitam as impressionantes ruínas da Citânia.

A exposição permanente do Museu integra uma boa parte do espólio pessoal de Sarmento e de sua esposa, D.



Maria de Freitas Aguiar: mobiliário, livros, cartas, documentos, câmaras fotográficas e até mesmo um velho piano de cauda francês. Mas integra também uma parte do espólio arqueológico proveniente da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso, que foi assim destacado da imensa e única coleção arqueológica do Museu Martins Sarmento de Guimarães. Aliás, é este espólio arqueológico que confere o nome ao espaço, que integra cerâmicas da Idade do Ferro e da época romana; esculturas e elementos arquitetónicos em pedra, com as características decorações castrejas; artefactos metálicos que incluem fibulas, armas e fragmentos de caldeirões; os primeiros exemplos de objetos em vidro utilizados nesta região “recôndita” que era o Noroeste ibérico.

Destaca-se, naturalmente, a Pedra Formosa, que regressou a Briteiros após mais de cem anos de observação pelos radiantes olhares de turistas e investigadores no Museu de Guimarães, e que aqui continua a “assombrar” miúdos e graúdos que pela primeira vez observam o vetusto monólito, símbolo da Sociedade e da Freguesia.

Desde o crescente número de turistas, nacionais e estrangeiros, que acorrem a Guimarães, até às já tradicionais visitas escolares dos 1.º e 2.º ciclos, milhares de pessoas têm visitado este espaço museológico, que conta, além da exposição permanente, com um pequeno auditório, biblioteca evocativa de António Ribeiro, com o espólio bibliográfico que legou à Sociedade, e o característico logradouro, que tem sido novamente palco de manifestações culturais e artísticas realizadas na Freguesia de São Salvador de Briteiros.

É o natural ponto de partida para uma visita à Citânia, no espaço “onde tudo começou”, o empreendimento de Sarmento, que repousa, juntamente com sua mulher, a poucos metros do solar, no cemitério de Briteiros, no característico túmulo que evoca uma casa castreja.



Gonçalo Cruz